

Imaginação Criadora e Educação: Considerações sobre o pensamento de Gaston Bachelard

Abigail Noádia Barbalho da Silva

Departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN

Resumo

Bachelard denomina *imaginação criadora* aquela que se relaciona às imagens sublimadas pelos arquétipos – *ar, água, fogo e terra* – que cumprem a função do irreal e colocam em movimento a articulação simbólica entre o mundo interior e o mundo exterior do indivíduo. A *imaginação criadora* se relaciona ao devaneio e se distingue da *imaginação formal*, pois esta se encontra vinculada à função do real nos processos conscientes do indivíduo por ocasião do seu contato com o mundo material. Se a imaginação formal é muito útil na aquisição do saber científico, a *imaginação criadora*, por sua vez, possibilita a investigação sobre as ações que são produto desse imaginário. O exemplo tomado da poética de Bachelard está na obra *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação de forças*, na qual o autor estuda a dialética de forças agressivas que se estabelece no contato do homem com o mundo material terrestre. Pensamos que abordagem desse tema poderá trazer alguma luz ao problema da agressividade, sem que, necessariamente, tenhamos de partir do pressuposto que as suas causas estejam exclusivamente vinculadas aos problemas de ordem social. Perguntamos como a educação poderá levar em consideração esse aspecto, já que a violência tem se tornado um problema de ordem estrutural, que se manifesta também no contexto escolar. Bachelard, em sua poética onírica, nos alerta do perigo de desconsiderar essas forças psíquicas que agem cotidianamente e movimentam as ações humanas, por pensar que elas são sufocadas quando a função do real movimentam os processos da consciência humana.

Palavras-chave: imaginação criadora, metáforas poéticas, agressividade, educação.

Introdução

A obra de Gastón Bachelard possui uma clara divisão que os estudiosos costumam classificar de *diurno* e *noturno*. O Bachelard *diurno* compreende as obras epistemológicas, que fizeram desse autor um crítico do racionalismo e do empirismo científico, razão porque suas teorias têm revolucionado o pensamento pedagógico no estudo das ciências. Já as obras ditas *noturnas* são aquelas que destacam o lugar da arte

no imaginário e que fazem de Bachelard, no dizer de Pessanha, um “inovador da concepção de imaginação, explorador do devaneio, exímio mergulhador das profundezas abissais da arte, amante da poesia” (PESSANHA, 1994:vi).

É esse Bachelard *noturno* que nos interessa investigar, para descobrir a possibilidade de uma relação entre sua teoria da poética onírica e a educação, entendida como um processo de formação humana, que não se preocupa apenas com o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, mas utiliza esse desenvolvimento para expressar a si mesmo como pessoa e construir o mundo. Esse ideal - da educação para a formação humana - é considerado tendo em vista o problema da violência que se manifesta em todos os setores da vida social, inclusive, no contexto escolar. Tomaremos como texto de análise a sua obra *A terra e os devaneios da vontade*, pois nela o autor explora o imaginário estabelecido no contato do indivíduo com o mundo material terrestre, manifestado através de forças agressivas de transformação do mundo material e da psique humana.

1. Imaginação Criadora: a força provocadora do mundo material na psique humana

Segundo Wunenburger (2005), a poética onírica de Bachelard é “inspirada no romantismo alemão, mesclada aos recursos do estruturalismo lingüístico” (2005:39). Nesse sentido, retoma-se do romantismo, a *imaginação* como categoria inspiradora da arte que, ao trazer a marca da subjetividade, estabelece uma crítica contra o modo excessivamente racionalista e materialista de conceber o homem e o mundo. Do estruturalismo lingüístico, por sua vez, retoma-se a abordagem do texto poético, através das oposições ou das equivalências manifestas em sua estrutura e que se vinculam as forças psíquicas presentes no devaneio.

Esse conjunto de imagens constitui o que Bachelard denomina de *arquétipo* – um termo utilizado também pela psicanálise clássica *junguiana*¹ – mas que, para Bachelard possui outro sentido, pois não se trata de um símbolo motor que concentra energia psíquica, mas é necessariamente *signo* motor que movimenta a psique humana.

¹ Segundo o *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*, arquétipo é a parte herdada da psique proveniente do inconsciente coletivo. São padrões de estruturação de desempenho psicológico ligado ao inconsciente e manifestado através de comportamentos universais à vida, como nascimento, casamento, separação, etc, sendo, portanto, símbolos motores que, em tese, poderiam existir em qualquer quantidade na psique.

Dito de outro modo, os arquétipos são as próprias imagens que estão enraizadas na psique do homem, “resumindo a experiência ancestral do homem diante de uma situação típica, isto é, em circunstâncias que não são particulares a um só indivíduo, mas que pode impor-se a qualquer homem” (BACHELARD, 1988:161). Esse conceito peculiar sobre a imagem e de sua função arquetípica no devaneio é justificado a partir da consideração que Bachelard faz à psicanálise clássica:

A psicanálise se contenta em definir as imagens por seu simbolismo. Mal é detectada uma imagem pulsional, mal é descoberta uma lembrança traumatizante, a psicanálise coloca o problema da interpretação *social*. Omite-se todo um campo de pesquisas: o próprio campo da imaginação. Ora, o psiquismo é animado por uma verdadeira *fome de imagens*. Ele quer imagens. Em suma, sob a imagem, a psicanálise busca a realidade; omite a investigação inversa: sobre a realidade buscar a positividade da imagem. É nessa investigação que detectamos essa energia de imagem que é a própria marca do psiquismo ativo. (BACHELARD, 1991:17).

Esses arquétipos estão na raiz das forças psíquicas e são retomados, por Bachelard, da tradição filosófica pré-socrática de Empédocles de Agrigento sobre os quatro elementos primordiais: *ar, água, fogo e terra*, os quais constituíam a raiz de todas as coisas. No pensamento de Bachelard, esses elementos passam a constituir a energia primordial da imaginação, movimentando as forças psíquicas do indivíduo na sua relação com o mundo material sendo, portanto, os arquétipos da psique humana.

A abordagem bachelardiana sobre a imaginação considera dois aspectos da mesma realidade imaginativa: a *imaginação formal* conceitualmente estabelecida pelo racionalismo e relacionada à função do real, cujo fundamento se encontra na percepção e na memória; e a *imaginação criadora, ou material* que, por sua vez, “recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, a solicitar a intervenção ativa e modificadora do homem: o homem demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro – tanto da ciência como da arte” (PESSANHA, 1994:xv).

Assim, através da *imaginação formal* o homem estabelece um tipo de relação que diz respeito à reprodução do mundo material, tornando-o primordialmente um observador do universo à sua volta, enquanto que através da *imaginação criadora*, vinculada à energia arquetípica, sua ação é distinta, pois se coloca contra a própria materialidade das coisas, procurando superá-las e até mesmo transformá-las, dependendo do tipo de resistência que os arquétipos provocam à psique. Dessa forma, o

homem deixa na natureza a sua marca.

Para compreendermos melhor os processos da imaginação criadora, tomamos a obra *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*, na qual Bachelard analisa a dialética das forças oníricas que movimentam o imaginário do indivíduo em face dos objetos sólidos da matéria terrestre - pedras, metais, madeiras e gomas - e que se manifesta como devaneios da vontade. Nessa obra, verifica-se que a ação do indivíduo perante a resistência do mundo material terrestre é concebida de modo dialético: na medida em que a matéria terrestre provoca, por sua *resistência*, a psique do indivíduo; este, por sua vez, emprega sua força *contra* ela, transformando-a e transmutando, com isso, seu próprio psiquismo. Essa resistência da matéria terrestre pode ser verificada através de suas características de *dureza* ou *moleza*, as quais manifestam a dialética que rege as imagens que fazemos da matéria íntima das coisas, indicando o grau de resistência com que elas se apresentam diante de nós. Essa imaginação da resistência da matéria terrestre confere a primeira coordenação às violências que a nossa vontade exerce contra as coisas.

Desse modo, a imaginação criadora e a vontade são vistas, na obra de Bachelard, como realidades interdependentes, que se manifestam no movimento da ação humana contra a matéria, transformando-a. Contudo, essa ação dialética de forças apresenta sua síntese na matéria forjada. A forja caracteriza a busca da transformação material através do equilíbrio proveniente da junção de dois outros elementos: a água e o fogo, fazendo surgir uma psicologia do *contra* que procura dominar a resistência material com seu trabalho. Nesse sentido, o trabalho surge como uma necessidade psíquica do homem, pois possibilita ao homem construir e reconstruir suas energias psíquicas. O homem, por sua vez, não mais pode ser visto como um observador passivo diante do universo, mas como uma força infatigável *contra* o universo, *contra* a substância das coisas.

2. Imaginação Criadora: a imaginação literária como expressão da ação do psiquismo humano

A psicologia do *contra* surge, então, como capacidade de ação do homem diante da provocação da resistência do mundo material terrestre. Para Bachelard, a

evidência dessa ação se encontra na imaginação literária, pois ela se traduz como uma *consciência de linguagem*: “recebemos dela um dinamismo psíquico novo. Portanto, acreditamos ter a possibilidade no simples exame das imagens literárias, de descobrir uma ação iminente da imaginação” (BACHELARD, 1991:5).

No seio dessa poética onírica, as metáforas ganham um lugar especial no despertar da imaginação criadora, pois elas vão representar uma espécie de *medium* na relação entre o imaginário e a ação do indivíduo sobre o mundo material. São inúmeras as metáforas trabalhadas por Bachelard na construção de sua poética, mas queremos destacar apenas as metáforas da *ferramenta*, do *carvalho nodoso*, da *esponja*, da *estopa*, do *pincel*, da *mão* e do *martelo operário*, as quais vão definir a ação propriamente dita do homem diante da resistência do mundo material terrestre. Esse destaque possui apenas um valor didático, a fim de verificarmos como essas metáforas podem despertar o devaneio.

Em primeiro lugar, a ferramenta desperta a necessidade de agir contra a dureza da matéria e esta, por sua vez, não só define o tipo de ferramenta que o trabalhador irá utilizar para talhar a sua obra, mas com que intensidade o trabalhador empregará sua força; a vontade, nesse caso, se mostra incisiva. Na obra *Claude Blanchard*, de Charles Louis Philippe, Bachelard demonstra como na literatura se apresentam os valores ofensivos da ferramenta revelados no onirismo do trabalho:

Os tamancos não se fazem sozinhos. A madeira é mais dura do que as pedras, dir-se-ia que faz frente ao operário e se aferra em tornar-lhe a vida difícil. Baptiste atacava-a como a um inimigo. Com um braço terrível, quando havia conseguido enfiar em seu pedaço as cunhas de ferro, levantava o malho, e quando o abaixava, parecia numa luta corpo a corpo, lançar-se sobre a madeira ao mesmo tempo. Era preciso que um dos dois cedesse, que as cunhas entrassem até o fim da fibra rebentada, ou que o homem vencido pela resistência, rebentasse em vez da madeira. (PHILIPPE apud BACHELARD, 1991:45).

Em segundo lugar, Bachelard traz a imagem do *carvalho nodoso* como metáfora da teimosia, uma vez que os nós constituídos no tronco do carvalho é uma indicação clara da força de torção que foi exercida para que a árvore mantivesse firmeza em meio às intempéries da natureza. É uma metáfora da luta interna que se estabelece no processo de formação do caráter do homem e que pode suscitar uma infinidade de devaneios. Bachelard cita *Orlando*, de Virgínia Woolf, obra em que o sonhador procura

na dureza da árvore, a solidez do seu próprio ser. O carvalho nodoso está, por assim dizer, como um reflexo do imaginário que o indivíduo tem sobre si mesmo.

Em terceiro lugar, encontramos a metáfora da *esponja*, da *estopa* ou do *pincel*, os quais demonstram seu poder absorvente. Tais metáforas estão relacionadas com a combinação de água e terra despertando, por sua vez, o devaneio mesomorfo, pois caracteriza a luta entre dois elementos agindo ativamente um contra o outro: a água revelando sua potência dissolvente contra a terra e esta, revelando sua potência absorvente contra a água. A psicanálise clássica, segundo Bachelard, procuraria nessa composição de água e terra um simbolismo da relação sadismo-masochismo, pois são forças que se aceitam e se repelem mutuamente. Essa metáfora, entretanto, podem despertar outro tipo de relação no homem, de caráter mais positivo, que é o *cogito amassador*. Em relação a esse aspecto, surge a metáfora da mão, através da qual o homem emprega sua energia transformando a massa em outra coisa, à medida que o próprio homem percebe-se a si mesmo como massa que resiste e cede ao tempo.

Esse devaneio mesomorfo, contudo, pode comportar a consideração de imagens mais pesadas e brutais, que denotam um sentido de infelicidade. Tal é o caso das imagens relacionadas com as secreções que, a psicanálise clássica encontra na regressão para as matérias sujas. Bachelard observa que Karl Abraham estudou esse imaginário através da *fixação anal*, cuja regressão no adulto pode caracterizar o sadismo triste, em que ocorre a agressão através da sujeira. Juliette Boutonier, por sua vez, observa que a fixação anal na fase infantil tem um devir de limpeza e, por isso, a criança brinca com as fezes sem demonstrar nojo por elas. Chega, porém, o momento em que essa brincadeira é trocada por aquelas com bolos de areia, num processo de sublimação.

Por fim, o martelo operário é considerado uma metáfora da maior conquista moral feita pelo homem, sobretudo por seu poder criador. Diferente do martelo de Átila, que possuía potência destruidora, ou do martelo do cantoneiro, que indicava um trabalho monótono, carente de destreza e que quebra sem estilhaçar, o martelo operário transforma a violência destruidora em potência criadora, que ocasionou o surgimento da forja como trabalho marcado pela sua vivacidade e sonoridade, destacadas nas canções da bigorna. A forja, contudo, é marcada também pela têmpera, indicando os devaneios da sutileza, pois realiza com isso um equilíbrio material entre fogo e água. Bachelard apresenta como exemplo, a mitologia dos mitos mexicanos, estudada por D. H.

Lawrence, em que os deuses são criados na forja cósmica (BACHELARD, 1991:128)

A poesia de Cora Coralina, *Das pedras*, exposta a seguir, ilustra bem o imaginário da resistência que o indivíduo experimenta como agressões de outros seres humanos, mas que é metaforizada pela resistência das pedras. Isto significa que antes mesmo da concepção de uma resistência ligada à atitude humana, a resistência primordial é reconhecida na dureza mesma da pedra, que se transforma em arte.

DAS PEDRAS

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.*

*Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

Cora Coralina

*Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.*

3. Imaginação criadora: o mundo material e a linguagem como elementos articuladores de uma educação para a formação humana

Um problema que se apresenta na sociedade atual e tem tomado proporções gigantescas é o da violência. Por trás desse fato, porém, existe toda uma problemática social, que aponta para uma crise estrutural da própria sociedade em que vivemos e que atinge todos os setores que fazem parte da vida social. Como não poderia deixar de ser, o espaço escolar se coloca como espaço de violência, diante da qual todos os que fazem parte do seu contexto ficam alarmados: materiais depredados, agressões entre alunos dentro e fora dos muros da escola, agressões contra os professores etc.

Antes de tudo, reconhecemos que um problema dessa magnitude não tem uma única causa. Entretanto, quando educadores, pais, gestores e funcionários refletem sobre a violência no espaço escolar procuram no fazer pedagógico, uma possibilidade de solução do problema. É imbuída de tais intenções que a ação pedagógica, ao lidar com o problema da violência escolar, é planejada e executada com uma diversificação metodológica aliada a aspectos motivacionais (o uso da tecnologia, do incentivo às práticas culturais e do desporto) e ao diálogo, para construir, ao longo do tempo e em

paralelo com o conhecimento científico, comportamentos menos agressivos.

O problema da violência e da agressividade nela implícita, nesse caso, é investigado, a partir de um levantamento das causas sociais, e o discurso comum tem se caminhado no sentido de que, enquanto não tiver políticas públicas preocupadas com o acesso das populações carentes a uma qualidade de vida melhor, o problema se perpetuará. Desse modo, o problema é intuído a partir de uma análise *causa-efeito* que se puder ser revertido, poderá ser amenizado. Por trás dessa concepção, percebem-se alguns indícios conquistados pela psicologia clássica, que relaciona a agressividade infantil às primeiras resistências que a criança encontra nas proibições que disciplinam a conduta infantil e na própria relação com outras pessoas.

Apesar de esse aspecto ser relevante para a educação e para a reflexão do problema da violência na busca de sua solução, não deixa de ser verdadeiro que ele desconsidera a outra face da moeda: que a agressividade possa ter sua raiz na própria energia arquetípica que move dialeticamente a ação do indivíduo, em confronto com as relações sociais. Em outras palavras, o indivíduo pode apresentar-se de modo agressivo como conseqüência de seu imaginário, de modo que a eliminação das causas sociais da violência pode não ser uma resolução ao problema da agressividade.

Por isso é tão comum ignorar o imaginário da resistência como força primordial psíquica que se estabelece na relação com a materialidade das coisas. Bachelard observa que “o devaneio é sempre considerado pelo aspecto de uma descontração, ignoram-se esses sonhos de ação precisa que designaremos como *devaneios da vontade*” (BACHELARD, 1991:3). Para ele, é muito fácil acreditar que a função do real - que movimenta a consciência no contato com o mundo material - descarta as pulsões inconscientes que se extravasam na vida consciente do indivíduo a todo instante. A poética do devaneio nos apresenta uma explicação possível ao posicionamento do homem *contra* a materialidade das coisas, cuja energia se não for psicologizada pelo trabalho, poderá colocar em movimento um poder destrutivo.

Embora o uso das imagens literárias, feito por Bachelard, tenha a intenção de descobrir uma ação iminente da imaginação material, Bachelard remete nosso pensamento a um elemento relevante para a educação: o homem por trás do texto foi quem converteu essa energia psíquica em imagem; tornando-se consciente de si e de seu devaneio no texto poético. Sem dúvida poderemos analisar cada metáfora, tentando

apreender o movimento desse imaginário, mas não podemos perder de vista que o texto literário apresenta essa dialética: enquanto o autor manifesta seu devaneio nas imagens descritas, manifesta também o trabalho insistente de trazer à consciência as experiências vividas, sonhadas ou intuídas.

Podemos dizer que essa dialética pertence à vida poética, pois o poeta é alguém que em sua interioridade experimenta a dor ou o prazer, mas tal interioridade se demonstra exteriormente na beleza da poesia. Despertar o poeta que existe em cada ser humano pode ser um desafio à educação atual. O que faz o poeta? Procura resolver na idealidade aquilo que perturba o seu interior, voltando-se para a idealidade; procurando manifestar o indescritível através da linguagem literária. É um constante identificar-se com a materialidade, seja com a dureza dos materiais terrestre, ou com a maleabilidade da massa, ou com a leveza do ar, ou com a fluidez da água. Por essa razão, a materialidade e a linguagem devem ser articuladoras de um novo saber: conhecer a si mesmo e os próprios devaneios.

Considerações finais

Somos tomados de sentimentos diversos, ora de indignação, ora de surpresa, quando nos confrontamos com o problema da agressividade na infância; quando vemos crianças agirem agressivamente às pessoas e objetos à sua volta sem qualquer motivo aparente. A importância de converter essa energia através do trabalho artístico e, especificamente, do trabalho literário é uma possibilidade de percebermos as relações existentes entre as forças oníricas que permeiam o imaginário das gerações mais jovens e suas atitudes diante do mundo à sua volta. Por outro lado, constitui-se um desafio para os educadores planejarem projetos de criação literária que não estejam voltados apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também imaginativo. Através da leitura das obras de Bachelard podemos perceber que o ser humano é mais complexo do que se possa pensar e que a *imaginação criadora*, como força arquetípica, demonstra-se como um caminho a ser explorado na tentativa de refletir sobre as ações do indivíduo em contato com o mundo.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O direito de sonhar**. Tradução José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

CORALINA, Cora. **Das pedras**. Acesso em: 14/08/2009. Disponível em: <http://www.boasdicas.com/bd-poesias-cora-coralina-pedras.html>.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Acesso em: 18/08/2009. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjunga.htm>

WÜNENBURGUER, Jean-Jacques. Ritmicidade, corpo imaginante e fenomenologia da imaginação em Gaston Bachelard. Entrevista concedida à Ana Laudelina F. Gomes e Celeste Ciccaroni. **Revista Cronos**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, RN, vol.4, número ½, jan/dez 2003, pp.107-112.